

Língua fascista, discurso contraditório: política de misoginia e homofobia¹

Fascist language, contradictory discourse: policy of misogyny and homophobia

Lucas Nascimento²

Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
drlucasdonascimento@gmail.com

RESUMO: Este trabalho está filiado à Análise do Discurso e aos autores Pêcheux, Foucault, Courtine e Barthes. São enunciados das análises: “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” e “Não podemos ser país do mundo gay, temos família”, afirmações de Jair Messias Bolsonaro, durante café da manhã com jornalistas, em 25 de abril de 2019, em Brasília-DF. Argumentamos em relação à expressão *fique à vontade* que abre fissuras na imagem da mulher brasileira e a simboliza ao turismo sexual do país. Argumentamos também em relação à contradição do segundo enunciado, situação em que o locutor nega para afirmar. A negação é para a sexualidade do homem homossexual, tendo a exclusão sexista e a afirmação homofóbica como funcionamento discursivo. Portanto, o discurso de Bolsonaro corrobora o duplo imaginário sobre o turismo brasileiro: a exploração do corpo da mulher brasileira e a negação da homossexualidade – elementos de uma língua fascista.

Palavras-chave: Língua; Discurso; Fascismo; Misoginia; Homofobia.

ABSTRACT: This work is affiliated with Discourse Analysis and the authors Pêcheux, Foucault, Courtine and Barthes. The analysis states: “Anyone who wants to come to Brazil to have sex with a woman, feel free” and “We cannot be a country in the gay world, we have a family”, statements by Jair Messias Bolsonaro, during breakfast with journalists, on 25 April 2019, in Brasília-DF. We argue in relation to the expression *feel free* that opens cracks in the image of Brazilian women and symbolizes it to the country’s sexual tourism. We also argue in relation to the contradiction of the second statement, a situation in which the speaker denies to affirm. Denial is for the sexuality of homosexual men, with sexist exclusion and homophobic affirmation as discursive functioning. Therefore, Bolsonaro’s discourse corroborates the imaginary double about Brazilian tourism: the exploitation of the body of Brazilian women and the denial of homosexuality – elements of a fascist language.

Keywords: Language; Discourse; Fascism; Misogyny; Homophobia.

¹ Este texto pertence ao projeto de pesquisa ‘Corpo e Discurso’ com fomento CNPq e CNRS.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Letras. Pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som/LABEDIS, do Museu Nacional / UFRJ. Coordenador da coleção *Análise do Discurso e Ensino* (CNPq), publicado pela Editora Mercado de Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4627-8991>.

Introdução

Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Nela, infalivelmente, duas rubricas se delineiam: a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição (BARTHES, 2007, p. 14).

Como anunciado em notas de rodapé n. 8 e n. 9, do artigo publicado recentemente pela Revista da ABRALIN³ (Associação Brasileira de Linguística), intitulado “Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de *“quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade – diz Bolsonaro”*, abordarei o prometido: o funcionamento discursivo de “vir ao Brasil fazer sexo com mulher”, a banalização do sexo e do estupro em “fique à vontade” e a contradição excludente sexista em “Não podemos ser país do mundo gay, temos família”. Com essas enunciações, as análises estarão investidas em reflexões com base no atravessamento das seguintes perguntas de Michel Foucault (2006, p. 8): “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”

Este trabalho está filiado à Análise do Discurso e aos autores Pêcheux, Foucault, Barthes e Courtine. Os enunciados das análises são “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” e “Não podemos ser país do mundo gay, temos família”, afirmações de Jair Messias Bolsonaro, durante café da manhã com jornalistas, em 25 de abril de 2019, em Brasília-DF. Argumento em relação à expressão *fique à vontade*, que abre fissuras na imagem da mulher brasileira e a simboliza como produto consumível ao turismo sexual do país. Também argumento em relação ao *temos família* (como se o gay não viesse de uma ou não pudesse formar uma família).

As expressões trazem a liberdade ao homem turista heterossexual em funcionamento de política de sentido para o turismo sexual e para a negação de sexualidade do homem homossexual, como exclusão sexista e afirmação homofóbica. A expressão “heterossexual” se refere ao sujeito que tem atração sexual e/ou romântica entre indivíduos de sexos opostos. Já a expressão “homossexual” se refere ao sujeito que tem atração sexual e/ou romântica entre indivíduos de mesmo sexo.

³ Ano 2020, v. 19, n. 1. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1676>>.

O discurso de Bolsonaro corrobora a imagem de Brasil turístico nas publicidades da EMBRATUR⁴. Associa-se ao contexto histórico que nos mostra a herança da exploração sexual, pelo turismo sexual, comercialização e prostituição, desde o colonialismo. No Brasil, Gilberto Freyre, na sua obra *Casa Grande & Senzala*, de 1961, no primeiro tomo, dedica um dos primeiros capítulos à descrição do relacionamento do colonizador com as índias, lembrando a figura mitológica da “moura encantada” de longos cabelos negros a se banhar nos rios. No segundo, o capítulo “O escravo negro na vida sexual e da família do brasileiro” descreve as relações dos colonizadores com as escravas negras e com as índias. Afirma (1961, p. 440): “não há escravidão, sem depravação sexual”. Nesse sentido, Braga (2015) nos apresenta estudo sobre a história da beleza negra no Brasil, com imagens e reportagens jornalísticas, em que situa a herança, dentre outras, anunciada por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*.

Passemos à breve leitura, a seguir, sobre as condições de produção dos enunciados bolsonaristas.

As condições de produção: “O café da manhã com jornalistas”⁵

Consideraremos as condições de produção do veículo de comunicação em que a reportagem foi publicada. No ar desde setembro de 2009, *Pragmatismo Político* se consolidou como um dos maiores *sites* de notícias e opinião do Brasil. “Com zelo, responsabilidade jornalística e independência editorial, o espaço se destaca por fomentar debates e reflexões que estimulam o senso crítico” (cf. a seção “Quem Somos”, do *site* do *Pragmatismo Político*). Mesmo abrangendo leitores com alto grau de escolaridade, as discussões mais assíduas e profundas em *Pragmatismo Político* não estão restritas aos intelectuais, aos jornalistas, aos professores. As pautas estão centradas em questões que integram a esfera da sociabilidade humana, como: cultura, educação, comunicação, saúde, história, políticas públicas, direitos humanos, economia, filosofia, fotografia/arte, geopolítica, política partidária, entre outros.

Passemos à leitura (conforme *print*) da seção de redação “Mulheres Violadas”.

⁴ Confira Nascimento (2020a); Embratur (2019a; 2019b); Kajihara (2010).

⁵ Nesta seção, retomo as condições de produção da fala de Bolsonaro (material também das análises, aqui), no café da manhã com jornalistas, em Brasília, e algumas discussões iniciais já apresentadas no artigo publicado na Revista da ABRALIN, v. 19, n. 1, p. 1-30, 20 nov. 2020. Essas condições de produção são as bases nas análises neste trabalho, assim como em um capítulo (no livro *Pêcheux em (Dis)curso*, pela Pedro & João editores) e em alguns capítulos do livro que finalizo a redação (*Língua fascista, discurso bolsonarista*, pela editora Pontes).

Imagem 1 - Mulheres Violadas

https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraíso-gay.html

Redação Pragmatismo
Editor(a)

MULHERES VIOLADAS 26/ABR/2019 ÀS 13:53 COMENTÁRIOS

Compartilhar

"Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade", diz Bolsonaro

Brasil não é "paraíso gay", mas "quem quiser vir fazer sexo com mulher, fique à vontade", diz Jair Bolsonaro. Presidente acrescentou: "Não podemos ser país do mundo gay, temos famílias". Comentário gerou reações



Fonte: Redação *Pragmatismo Político*, 26 abr. 2019 (Foto: Marcos Correa/PR).

Na sequência da fotografia vista acima, o leitor encontra a continuidade da reportagem com destaques da própria edição:

"Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro".

A frase acima foi dita pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) durante café da manhã com jornalistas de diversos veículos de comunicação do Brasil nesta quinta-feira (25).

O presidente foi questionado sobre a **recusa do Museu Americano de História Natural de Nova York em sediar um evento para homenageá-lo**. A instituição classifica Bolsonaro como homofóbico e racista.

"Não é o museu que está me homenageando. O que houve foi pressão do governo local que é Democrata e eu sou aliado do (presidente dos EUA) Donald Trump", disse Bolsonaro.

Ele afirmou que, em novembro de 2009, começou a *"tomar pancada do mundo todo"* ao acusar o kit gay. *"Eu comecei a assumir essa pauta conservadora. Essa imagem de homofóbico ficou lá fora"*, disse, afirmando que isso não prejudica investimentos. *"O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias"*, disse.

Em seguida, o presidente proferiu a frase destacada no início deste texto.

Fonte: Mulheres Violadas (Redação *Pragmatismo Político*, 26 abr. 2019, destaques do editor).

"Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade" (enunciado 1 – E1) e "Não podemos ser país do mundo gay, temos família" (enunciado 2 – E2) foram afirmações de Jair Messias Bolsonaro durante café da manhã com jornalistas de jornais e TV. Esses enunciados não preservam a memória das mulheres de nossas regiões brasileiras, assim como não preservam também a dos gays. Nossa argumentação está em relação ao

estranhamento⁶ e/ou contradição do discurso (*mulher, gay, família*) de Bolsonaro, em café da manhã com jornalistas, em 25 de abril de 2019. Então, já vimos, inicialmente, que trabalharei com três formações discursivas dominantes (ou em dominância), ao menos: FD mulher, FD *gay* e FD família.

Se considero que os dois enunciados selecionados **não** remetem a mesma FD, considero que são produzidos a partir de *posições-sujeito diferentes*. Enquanto um afirma *fique à vontade*, o outro enunciado nega *não podemos, [porque] temos*. Entendo, com isso, que esses enunciados se relacionam também diferentemente com a ideologia, assim produzindo efeitos de sentido distintos (efeitos em contraste!).

Convido o meu leitor para considerarmos as paráfrases, a seguir. *Você está autorizado a vir ao Brasil fazer sexo com mulher* (paráfrase 1 – P1) e *Você não está autorizado a vir ao Brasil fazer sexo com homem* (P2), a partir do enunciado “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” (E1), em condições de produção em que o presidente Bolsonaro “foi questionado sobre a **recusa do Museu Americano de História Natural de Nova York em sediar um evento para homenageá-lo**” (esclareço que não tratarei dessa recusa e de suas condições de produção, aqui). As possíveis paráfrases mobilizam saberes cristalizados normativamente por meio da História (daquela tradicional, que contam nos livros didáticos disponibilizados para os escolares): *homem faz sexo com mulher*. Estabilizado historicamente, principalmente pelo cristianismo, este sentido é diverso de outros. Trata-se, com isso, de enunciado proferido por uma posição-sujeito heterossexista. O termo heterossexista (ou heterossexismo) indica a estigmatização de toda orientação sexual que não seja a heterossexual, expressa de forma sistêmica. O termo indica também práticas sociais e educativas que se sustentam na supervalorização da heterossexualidade em detrimento das outras formas de orientação sexual. Diante disso, costumes, línguas, práticas de ensino e de educação atuam como uma monocultura que busca, sobremaneira, ocultar – ou, no mínimo, tentar invisibilizar – a diversidade sexual existente (JUNQUEIRA, 2007; 2010).

O tal enunciado (E1) se inscreve no interior de uma formação discursiva (FD): a da heteronormatividade. O termo “heteronormatividade” (do grego *hetero*, “diferente”, e *norma*, “esquadro” em latim) é usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. Isto inclui a ideia de que os seres humanos recaem em duas categorias distintas e complementares: macho e fêmea; que relações sexuais e maritais são normais

⁶ Na esteira de Pêcheux (2009).

somente entre pessoas de sexos diferentes; e que cada sexo tem certos papéis naturais na vida (RICH, 1980; WARNER, 1991). Chambers (2003a; 2003b; 2005) se referiu como conceito que revela as expectativas, as demandas e as restrições produzidas quando a heterossexualidade é tomada como normativa dentro de uma sociedade.

Com outras palavras, dizemos que o processo discursivo do E1 trabalha a partir da modalidade de uma palavra pela outra, produzindo o efeito de sentido, que é o que ocorre no âmbito da matriz de sentido dessa FD. Sabendo que *um efeito de sentido é tomado pelo outro efeito de sentido*, há a ocorrência de estabilização de sentidos em *homem faz sexo com mulher*. Esse sentido não está autorizado ao deslizamento para o sentido *Você está autorizado a vir ao Brasil fazer sexo com homem*. Se esse “Você” estiver destinado ao locutor homem, o que de fato está, uma vez dada como verdadeira a heterossexualidade do locutor, Bolsonaro se refere à exclusiva matriz sexual considerada. Por isso, as paráfrases 1 e 2 do parágrafo acima são possíveis. Com isso, vejo que o E1 e as duas paráfrases apontam para o modo como os lugares de memória funcionam discursivamente. Percebo pelo trabalho do sentido sobre o sentido, que instaurou um movimento de identificação⁷ em relação aos saberes da FD da Heteronormatividade⁸: o locutor e o interlocutor (*Você*) são heterossexuais.

Ou seja, os saberes desse domínio de conhecimento estão estabilizados e não estão em condições de serem interrogados, por exemplo. Isso porque há a contraidentificação⁹ com a homossexualidade, como vimos no E2 (“Não podemos ser país do mundo gay, temos família”). Assim, paráfrases como *Você está autorizado a vir ao Brasil fazer sexo com homem* (paráfrase 3 – P3) e *Você não está autorizado a vir ao Brasil fazer sexo com mulher* (paráfrase 4 – P4) não são possíveis na posição-sujeito do locutor Bolsonaro. Essas paráfrases são impedidas de existência, se considerados os enunciados 1 e 2 e os sentidos constituídos em suas formulações. Essas formulações/constituições (ORLANDI, 2005) são inteiramente de responsabilidade do seu locutor, no caso, Bolsonaro. Tanto podemos considerar como verdadeiro o que acabara de ser dito que “A instituição classifica Bolsonaro como homofóbico e racista” (Mulheres Violadas, Redação *Pragmatismo*, 26 abr. 2019).

Esses funcionamentos discursivos acima podem ser considerados como lugares de memória. Pierre Nora (1984) funda esse conceito como a apresentação da memória sob a forma de objetos, instrumentos, instituições, documentos, traços vivos constituídos no

⁷ Confira Pêcheux (2009).

⁸ Cohen (2005, p. 24) define a *heteronormatividade* como a prática e as instituições “que legitimam e privilegiam a heterossexualidade e relacionamentos heterossexuais como fundamentais e ‘naturais’ dentro da sociedade”.

⁹ Confira Pêcheux (2009).

entrelaçamento do histórico, do cultural e do simbólico. “Esses lugares de memória permitem avaliar a diferença que se estabelece entre o *processo parafrástico*, que ocorre no âmbito de uma matriz de sentido, e o *efeito parafrástico*, que se instaura pela autorização de uns e desautorização de outros saberes produzidos, a partir de posições-sujeito, inscritos em uma mesma FD” (NASCIMENTO, 2020a, p. 8-9).

Na contraidentificação (PÊCHEUX, 2009) sinalizada pelo locutor no enunciado E2: “Não podemos ser país do mundo gay, temos família”, instaura-se uma relação de tensão com o E1: “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade”. A relação estabelecida desses dois enunciados é muito mais da ordem do preconceito e da discriminação do que de qualquer outra ordem discursiva (FOUCAULT, 2006) ou desordem discursiva (MILANEZ; GASPAR, 2010). Essa minha afirmação é cabível se assegurar que as paráfrases 3 e 4 não são possíveis, em se tratando da posição-sujeito do autor dos enunciados 1 e 2. Nesse passo, interessa-me perceber os sentidos cristalizados que podem se repetir, como o machismo, a intolerância, o turismo sexual, de modo a reaparecerem exatamente pela forma do preconceito e da discriminação sexistas. Pela força de serem repetidos e em função das condições de produção em que essa repetição ocorre, os sentidos vão se tornando tensos, de modo em que os contradiscursos os ressignificarem na tentativa de produção de sentidos ao avesso de discursos preconceituosos e discriminatórios (NASCIMENTO, 2020a; PIOVEZANI, 2020). Ou seja: a regularização dos sentidos decorrentes da repetição de lugares de memória (já cristalizados, como vimos mais acima) está sempre na tentativa de impedimento da movência desses sentidos, para que se evite a possibilidade de contradição no interior da própria FD.

Em se tratando de análise ao nível de enunciado, o perigo reside na proliferação discursiva (FOUCAULT, 2006) da expressão *fique à vontade*, que, no mínimo, abre fissuras na imagem da mulher brasileira e a simboliza ao turismo sexual do país. Falo de fissuras na figura daquela mulher heterossexual que compõe a família cristã nacional (aqui, já se trata de matriz de sentido de FD família). A expressão coloca em circulação ao menos duas políticas de sentidos: (i.) *a liberdade concedida ao homem heterossexual turista para o turismo sexual com mulheres brasileiras*; e (ii.) *a negação estabelecida para o impedimento da liberdade ao homem heterossexual e ao homem homossexual turista para o turismo sexual com homens homossexuais brasileiros*. Essas políticas de sentidos podem estar representadas por lugares

de memória que têm em seus espaços o machismo e o prestígio da heterossexualidade, estabelecidos a partir de garantias à exclusão sexista e à afirmação de homofobia¹⁰.

Convido você a passarmos à seção em que se encontram análises do sentido do sexo como estupro. Vejamos que de “fique à vontade” a “temos família” das sequências discursivas daquela posição-sujeito (jamais esperada¹¹) de um Presidencial republicano há a implicação de uma língua fascista com duas rubricas inevitáveis.

Da língua fascista às rubricas inevitáveis: língua, sujeito e discurso

Do sentido de sexo como estupro, a formulação “fique à vontade” pode ter a constituição discursiva de que: (1) *Bolsonaro autoriza homem turista fazer sexo com mulher no Brasil*; (2) *O homem turista está autorizado a procurar mulher brasileira para sexo*; (3) *O homem turista pode ficar à vontade para sexo com mulher brasileira*. Entre outras formulações com constituições do sentido “estupro”, a circulação discursiva do E1 de Bolsonaro está para a recepção do turista homem pela mulher brasileira, que está disponível sempre, como um produto de consumo, objetificado e prazeroso. Corpo feminino exclusivo ao bel-prazer de homem turista. Pode-se ter a afirmação em “quem quiser” (E1) de que se trata de homem heterossexual turista, porque o E2 afirma que “não podemos ser país do mundo gay, temos família” (E2). Se não podemos, nós brasileiros, ser “país do mundo gay”, o destinatário não pode ser homem *gay*, a não ser unicamente o homem turista heterossexual. A autorização implica, então, em sexo como algo já posto à mulher brasileira, obrigatório e não-consensual, de modo em que pode se ter o coito forçado ou violado, acometida uma ação sexual envolvendo relação sexual ou outras formas de atos libidinosos realizados contra uma pessoa, mesmo sem o seu consentimento.

Para não se cometer estupro, são as mulheres brasileiras que podem dizer “sim” ao “vir fazer sexo com mulher”. Não pode Bolsonaro (o locutor de E1 e de E2), porque ele não tem a autorização delas para que possa enunciar como enunciou. Além disso, Bolsonaro não é uma mulher, para que se possa dizer que estaria falando em nome das mulheres brasileiras, ou que as representa.

¹⁰ “Homofobia”: o termo foi criado por Michael Warner, em 1991, em uma das primeiras grandes obras sobre a teoria *queer*. O conceito possui raízes na noção de Gayle Rubin do “sistema sexo/gênero” e na ideia de Adrienne Rich de heterossexualidade compulsória (WARNER, 1991; RICH, 1980).

¹¹ Espera-se (e eu espero... ou esperava!) a posição *democrática* de um presidente republicano. Nessa posição está a ordem discursiva de inclusão: da diversidade e do respeito, por exemplo.

Não sei se bolsonarista, este em sua diferença, podemos exemplificar o caso João de Deus como autor do sentido de sexo como estupro. João – que de Deus não tem é nada – ficou *à vontade* e turistou espiritual e carnalmente com as mulheres que lhe procuravam no intuito de sua fama cura e carreira milagrosa. Centenas de vítimas e mais de 40 anos de impunidade marcam os crimes sexuais atribuídos a ele. Um documento criado pelo Ministério Público de Goiás, em 2019, mostra o trauma das vítimas que acusam o *médium* de diversos tipos de violência sexual (CANDIDO, 2019). Ejaculação, masturbação, penetração, sexo oral, tentativas, toques, tudo para estar *à vontade* com suas pacientes espirituais. Respaldo pela audácia e coragem, fez de João de Deus um criminoso. Como ficava quase sempre *à vontade*, viria a fazer sexo com as mulheres. Sem o consentimento delas – provavelmente, importunou, violentou, agrediu em prol de sexo.

Um de seus casos:

A empresária mineira Priscila Marques, 34, afirma ter sido abusada três dias seguidos por João de Deus, em 2007. Ela foi à Abadiânia para tentar se curar de um quadro de depressão. “Ele me levou para o escritório e mandou que eu o masturbasse. Disse que assim eu ficaria curada. No final, ele gozou, se limpou com uma toalha branca que levava no ombro e em seguida pediu que eu o ajudasse numa cirurgia espiritual”, diz Priscila, em depoimento à Universa. Nos dois dias seguintes, novos abusos, que incluíram sexo oral nele, se desenrolaram. “Ele ficava bravo e mandava eu fazer uma cara boa. Era nojento”, conta Priscila.

[...]

“Quando cheguei na frente da casa de João de Deus, em Abadiânia, pensei comigo: ‘Vou ser curada’. Era 2007, eu estava com 24 anos e procurei o lugar para me tratar de depressão e síndrome do pânico. Viajei com a minha mãe, fomos bancadas pelo próprio João de Deus e pela mulher dele. Minha mãe o conheceu e ele pediu uma foto minha para saber o que eu tinha e eu mandei no dia seguinte. Na mesma noite, a mulher dele ligou, dizendo que eles pagariam a viagem e ficaríamos na casa deles.

‘Fizeram coisa ruim para ela e João vai desfazer isso’, disse Ana Keyla (Teixeira Lourenço), a mulher do médium, ao telefone. ‘Vocês precisam vir para cá urgentemente.’ Chegamos em uma quarta-feira de manhã. Entrei na triagem e disse que era a Priscila de Uberaba. ‘Te conheço’, ele falou, ‘senta aqui do meu lado.’ Enquanto ele fazia os atendimentos, cochilei na cadeira e algum tempo depois, fui levada para uma cama, onde várias pessoas me deram o que chamaram de banho de luz. Eu estava vestida e coberta com uma manta até a cabeça. Quando isso acabou, uma das mulheres que me atenderam disse: ‘Agora o João quer te ver’. Fui para o escritório dele e foi lá que sofri o primeiro abuso (BRANDALISE, 2018).

Então, não, não “pode vir ao Brasil e ficar *à vontade* para sexo com mulher”. Nem o turista estrangeiro, nem o naturalizado, nem o próprio brasileiro. Não existe “*quem quiser*”. Não há pessoalidade. Esse sintagma é da ordem do impossível. Não é aceitável nem na ordem do desejo, nem na do fetiche... Caso a mulher brasileira autorize o sexo e consinta o “sim”, a prática já não se torna em estupro. Aí se tem o sexo autorizado por ela. Nenhum sujeito pode autorizar o sexo com mulher brasileira, senão a própria. É ela quem sempre deve estar em

lugar de sua própria fala. Caso contrário, o que se tem é da ordem de uma ideologia política ultranacionalista e autoritária (MERRIAM-WEBSTER, 2020), por usar a mulher nacional como objeto, com “objetivos fascistas de nacionalismo autoritário e radical” (TURNER, 1975, p. 162), com “uma forma integrada organizada de autoritarismo nacionalista radical” (LARSEN; HAGTVET; MYKLEBUST, 1984, p. 424), caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição por via da força e forte arregimentação da sociedade e da economia (MERRIAM-WEBSTER, 2020; PAXTON, 2004; NOLTE, 1965). É a vida fascista. Fascismo. Para entrar em outra via, se faz necessária a vida não fascista.

No prefácio do livro de Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia* (New York, Viking Press, 1977, p. XI-XIV), Foucault nos apresenta uma *Introdução à vida não fascista*. Na tradução realizada por Wanderson Flor do Nascimento, em uma coletânea, compreendemos o perigo do fascismo – como afirma Foucault. Vejamos:

o inimigo maior, o adversário estratégico (embora a oposição do Anti-Édipo a seus outros inimigos constituam mais um engajamento político): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini – que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas –, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora (FOUCAULT, 2004, p. 5).

Quando “*quem quiser*” e “*fique à vontade*” são afirmados em declaração verbal e pública, o perigo está em funcionamento, uma vez que entra em jogo o “mobilizar e utilizar o desejo das massas”. Quais massas? O próprio homem turista de determinada classe social. Aqueles que se deleitam com e pelo o turismo. O enunciador do alto escalão político, desejante e amante do poder, cega-se ao princípio básico de dignidade humana. Não à toa, Bolsonaro se declara aberta e publicamente contra os direitos humanos. Em uma posição esperada de respeito, de dignidade e de proteção à mulher de seu próprio país, o homem em estado de Presidência da República Federativa do Brasil autoriza atitudes em prol do sexo com mulher, sem o seu consentimento.

“*Quem quiser*” e “*fique à vontade*” não combinam nem um pouco com uma autorização deslocada de sentido em relação ao corpo¹² da mulher, ou com qualquer ser humano sem consulta prévia, porque fere à dignidade humana. Estranhamente um terceiro sujeito (Bolsonaro) autoriza o segundo sujeito (homem turista) para sexo com mulher no Brasil. Quem fica anulada de voz (decisão do seu próprio corpo) é o sujeito que sofre a ação.

¹² Confira Nascimento (2020b).

No caso, a *mulher*. Deslegitimar o sujeito que sofre a ação, que nem sequer mais tem o poder de decisão de seu próprio corpo, só pode ser em prol de razões fascistas: *ideologia política ultranacionalista, autoritarismo, poder ditatorial, repressão, força, arregimentação social e econômica*. Por vez, então, estamos frente ao **inimigo maior**, o **adversário estratégico**: o fascismo.

Quanto ao (ultra)nacionalismo, ao fascismo e ao uso do corpo da mulher, fomentando ao homem turista o seu desfrute à bel-prazer, o presidente desloca a individualidade do sujeito-objeto “corpo-mulher” para um lugar de pertencimento (posse) da nação. Sendo assim, o corpo da mulher brasileira “pode” imaginariamente ser utilizado como produto para a obtenção de recursos econômicos estrangeiros, por meio de o turismo sexual, para a nação. Essa é mais uma contradição de Bolsonaro.

No sentido dicionarizado, encontramos em Michaelis (*online*):

Fas.cis.mo

1 FILOS, POLÍT Sistema ou regime político e filosófico, antiliberal, imperialista e antidemocrático, centrado em um governo de caráter autoritário, representado pela existência de um partido único e pela figura de um ditador, fundado na ideologia de exaltação dos valores da raça e da nação em detrimento do individualismo, como o estabelecido na Itália por Benito Mussolini (1883-1945), em 1922, cujo emblema era, simbolicamente, o *fascio*, isto é, o feixe de varas dos lictores romanos.

2 Tendência para o controle ditatorial; regime autoritário.

3 Atitude ou postura própria de fascista.

ETIMOLOGIA

ital fascismo.

Ao considerar o dicionário, uma vez mais entendemos pelo campo da Filosofia e da Política as políticas de sentidos nos enunciados bolsonaristas aqui analisados (E1 e E2). Seguimos pelo campo da análise do discurso e pelo campo em que Barthes está inserido para o endereçamento teórico às análises.

Ainda martelando nossos espíritos com tamanha repugnância e indignação, parodio Barthes (2007, p. 14) na epígrafe escolhida: a língua “é simplesmente fascista”, porque o fascismo “é obrigar [o sujeito] a dizer.” Então, o sujeito fascista é obrigado a só proferir uma língua também fascista, por ela estar a serviço de um poder autoritário, intimidador e violento. Nessa língua, então, “duas rubricas se delineiam”: a autoridade de fala¹³ pública sobre “vir ao Brasil fazer sexo com mulher”; o seguidor radical e autoritário de repetição machista, misógina, homofóbica, incentivadora de exploração turística sexual.

¹³ Confira Courtine (2006); Courtine e Piovezani (2015); Piovezani (2020).

Como *gregário*, o então Presidente da República se inscreve como seguidor de um regime político e filosófico, antidemocrático, “centrado em um governo de caráter autoritário”, que goza de suas funções presidenciais inspiradas pela figura de um ditador, mesmo que verbalmente se negue seguidor. Imaginariamente, exalta-se por “estranhos” “valores em detrimento do individualismo”. Como diz Barthes (2007, p. 14): não “dorme este monstro”, porque “se *arrasta* na língua”. Vomita tanto pela primeira “rubrica” (a autoridade da asserção), ao delinear a obrigação em dizer: *fique à vontade*, quanto pela segunda “rubrica” (o gregarismo da repetição), ao delinear a obrigação em dizer: “temos família”. Fascinante pela necessidade da ênfase em *temos família*, o presidenciável denota seu fascínio pelo “feixe de varas dos lictores romanos” (o *fascio*) ao autorizar o homem turista (estrangeiro) a vir ao Brasil fazer sexo com mulher. Seu fascínio não titubeia em significar o que talvez nos esconda. *Quem muito nega, algo afirma* – como nos ensina um clássico teorema de álgebra. Por isso, a necessidade latente em afirmar a homofobia pelo “não podemos ser país do mundo gay”, enaltecer a misoginia em “fique à vontade” e reafirmar o machismo e a manutenção da heterossexualidade em “temos família”. Diante disso, é cabível a desconfiança de seu *orgasmo* pela posição de *fascio*¹⁴ às *varas dos lictores romanos*.

A desconfiança se justifica pelo motivo de que:

Assim que enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento com repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito. Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente (BARTHES, 2007, p. 14-15).

“Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem. Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado”. Nesse sentido barthesiano, a língua aprisiona. Ou seja, mais uma vez parodiando: *Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder bolsonarista, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém – nenhuma mulher, nenhum gay –, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem bolsonarista. Infelizmente, essa linguagem é sem exterior: é um*

¹⁴ A palavra *fascio* (do italiano; *fasce*, do latim) significa feixe. Era um machado revestido de varas de madeira na Roma Antiga. Geralmente, carregado por guarda-costas (*lictors*) dos que detinham poder, considerados magistrados. Como símbolo de autoridade e união, um feixe representa a dificuldade de arrebentar-se, enquanto apenas um bastão é quebrável com facilidade. Com a promessa de volta aos tempos áureos, do antigo Império Romano, Benito Mussolini usou desse símbolo para seu novo partido – *Fasci d’Azione Rivoluzionaria* (1914), que consequentemente fortalece seu regime estabelecido oficialmente a partir de 1922. Anteriormente, no final do século XIX, os *fasci* eram grupos políticos e paramilitares que comporiam o movimento fascista (HAYNES, 2000).

lugar fechado. Fechado com a misoginia, com a homofobia, com o machismo... com a posição de colonizado e de catequizado religiosamente, preside para específicos públicos, conforme seus interesses e apetites. “É sem exterior” por não incluir a diversidade, o respeito, a atenção, o cuidado, a proteção, a autocrítica... A sua linguagem *é sem exterior*, pelo fato de ditatorialmente autorizar a prática de sexo com a mulher brasileira, sem ao menos lhe consultar para sua decisão.

“Só se pode sair dela pelo preço do impossível”, como afirmou Barthes (2007, p. 15). Só se pode sair da língua de Bolsonaro, se incluirmos a diversidade e o respeito, que para ela (*língua fascista*) é impossível. Sair da misoginia, da homofobia, do machismo, está na ordem do impossível bolsonariano. “Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua” (BARTHES, 2007, p. 15). Como não somos Presidentes, nem Ustras, nem Benito Mussolinianos, trapacear *a e com* a língua está para a ordem do possível: de respeitar a diversidade e a mulher brasileira. Conviver em “um país do mundo gay” é possível, quando se tem pessoas comuns e autoridades resolvidas consigo mesmas, sem a precisão de imperar a figura do macho e de esconder o próprio desejo (*ou fetiche*). Somos machos, fêmeas, machos-fêmeas, fêmeas-machos, não-binários... enfim, somos!

Uma vez mais, utilizo o recurso da paródia: *Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao fascismo, pode então haver liberdade senão dentro da linguagem. Felizmente, a linguagem humana é com exterior: é um lugar aberto*. Portanto: Quem quiser fazer sexo com mulher, não fique à vontade. Podemos ser um país do mundo gay e termos família. Se renegarmos a língua bolsonarista, teremos o possível na ordem da existência – ***língua não fascista, discurso de inclusão: ainda sobre a democracia!***

Considerações finais

Neste texto, vimos o discurso político de Bolsonaro corroborar um Brasil destino turístico sexual, misógino e homofóbico, por meio de liberdade para a exploração do corpo da mulher brasileira e por meio da negação da homossexualidade como constitutiva do direito à *instituição de família*. Diante disso, a política bolsonarista é um capítulo na história de uma política fascista. O café da manhã com jornalistas, no dia 25 de abril de 2019, em Brasília-DF, foi reflexo das ideias já propostas para o Brasil ao longo de campanha e do atual mandato daquele Messias. Foi e está sendo repleto de vestígios de projetos utópicos que, mesmo

enquadrados em termos militares e milicianos, negam a verdade do patriotismo, e, de fato, veiculam mitos fascistas.

A tomada do poder pelos bolsonaristas e fascistas foi repleta de ações baseadas na direita, tanto quanto na insurreição autoritária de Carlos Brilhante Ustra, ou de Benito Mussolini. Como analista do discurso, as análises aqui realizadas estão no sentido de indicar leitura desses enunciados fascistas: se as condições de produção dos dois enunciados são fascistas, como mostramos em sua emergência de enunciados fascistas, o resultado analítico investido reflete e refrata aquelas determinadas condições de produção que anunciam as ações machistas, excludentes, discriminatórias, soberbas, arrogantes, em prol de sofrimentos e sentimentos alhures.

Espero ter demonstrado, aqui, a luta por trapacearmos a língua fascista com a língua democrática. “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*” (BARTHES, 2007, p. 15). Permitir *ouvir a língua fora do poder* é incluir a diversidade e é diversificar o respeito a todos, sem exceção. É permitir uma vivência com livros! É revolucionar com a *literatura*!

Ser antifascista tornou-se um estilo de vida, um modo de pensar e de vida.

Os moralistas, machistas e fascistas vestidos de cristãos buscam os traços da carne¹⁵ que estão *alojados nas redobras da alma* – para lembrarmos as palavras de Foucault, em *Por Uma Vida Não-Facista*. Barthes e Foucault, por suas partes, espreitam os traços mais ínfimos do fascismo nos corpos. *Livrai as mulheres, os homens e o gays do mal!*

Prestando uma modesta homenagem, com o presente texto, coloco-me em defesa da mulher brasileira e da diversidade: da Nadia, da Rosa (minha mãe), da Isadora (minha irmã), de todas, sejam elas as Enis, as Tánias, as Vanices, as Jandiras, as Rosários, as Marias, as Priscilas, os Jean Willys, os Thamis, as Maria Bethanias, as Martinálias... Enfim, tantas brasileiras e tantos brasileiros!

Aos que tenham se desdobrados, deixo os sentidos de ‘desdobrar-se’ e de ‘desdobrável’ pelas palavras de Adélia Prado:

Com licença poética¹⁶

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

¹⁵ Confira Nascimento (2018; 2019; 2020b).

¹⁶ PRADO, A. Com licença poética. *In.*: PRADO, A. **Poesia Reunida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016. p. 17.

Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não sou feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 — dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.

Agradecimentos

Agradecemos aos fomentos de pesquisas do CNPq e do CNRS para o desenvolvimento do projeto “Corpo e Discurso”, da FAPERJ (Bolsa Nota 10/processo E-26/200.564/2018), projeto finalizado “Leitura de Imagem” e da CAPES (processo 88887.338262/2019-00), projeto em andamento “Língua(s) e Amazônia”. Agradecemos ainda os comentários dos pareceristas e a revisão de Wellington Felipe da Costa; à Fernanda Massi (pelos comentários em parecer, incentivadores das notas 8 e 9 no texto da Abralin, e pela existência deste artigo) e ao Jacques Guilhaumou, pelas sugestões atendidas.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRAGA, Amanda. **História da Beleza Negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

BRANDALISE, Camila. **Paciente de João de Deus**: “Fui abusada por 3 dias. Mandava fazer cara boa!”, 11 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/12/11/fui-abusada-por-tres-dias-seguidos-diz-vitima-de-joao-de-deus.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

CANDIDO, Marcos. **João de Deus**: 45 anos de estupros e vítimas menores de 13 anos, 01 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/01/45-anos-dividem-primeira-e-ultima-vitima-que-acusa-joao-de-deus-de-estupro.htm>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

COHEN, Cathy J. Punks, bulldaggers, and welfare queen: the radical potential of queer politics? In: JOHNSON, E. P.; HENDERSON, M. G. (eds.). **Black Queer Studies: A Critical Anthology**. EUA: Duke University Press, 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c6b1/880f6e29888b4f8f7c2205b7c7d986d54d40.pdf?_ga=2.82041302.1531718070.1597255149-276742891.1597255149>. Acesso em: 10 maio 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do Discurso Político**: derivas da fala pública. São Carlos: ClaraLuz, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos (orgs). **História da Fala Pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis: Vozes, 2015.

CORREA, Marcos. **Jair Bolsonaro durante café da manhã com jornalistas de jornais e TV**, 26 abril 2019. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>>. Acesso em: 01 maio 2020.

CHAMBERS, Samuel A. Telepistemology of the Closet; Or, the Queer Politics of Six Feet Under. **Journal of American Culture**, v. 26, n. 1, p. 24-41, 2003a. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/f98ae2140214a144/1.pdf?pqorigsite=gscholar&cbl=14102>>. Acesso em: 10 maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/1542-734X.00071>

CHAMBERS, Samuel A. **Untimely Politics**. Edinburgh: Edinburgh University Presses, 2003b.

CHAMBERS, Samuel A. Revisiting the Closet: Reading Sexuality in Six Feet Under. In: MCCABE, J.; AKASS, K. (eds.). **Reading Six Feet Under**. London: I. B. Taurus, 2005.

EMBRATUR. **História**. 2019a. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/lai_embratur/opencms/acessoainformacao/menu/embratur/historia.html>. Acesso em: 1 maio 2019.

EMBRATUR. **Manual de Uso da Marca Brazil**. 2019b. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/estrutura/download>>. Acesso em: 1 maio 2019.

FASCISMO. In: MICHAELIS DICIO, **Dicionário Online de Português**. 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fascismo/>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

FASCISM. In: MERRIAM-WEBSTER DICIO, **Online English Dictionary**. 2020. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/fascism>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault – Por Uma Vida Não-Fascista**. Coletânea Michel Foucault Sabotagem. Organizador: Coletivo Sabotagem, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Olympio, 1961.

HAYNES, Sybille. **Etruscan Civilization**: a cultural history. Los Angeles: J. Paul Getty Museum, 2000.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, Natal, RN, p. 1-22, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/educacaoemhomofobia/TextosSite/Homofobialimitesepossibilidadesdeumconceitoemmeioadisputas.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do Currículo**, v. 2, n. 2, p. 208-230, mar. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/4281>>. Acesso em: 27 out. 2020.

KAJIHARA, Kelly Akemi. A imagem do Brasil no exterior – Análise do material de divulgação oficial da Embratur, desde 1966 até 2008. **Revista Acadêmica do Observatório de Inovação do Turismo**, v. 5, n. 3, art. 3, p. 1-30, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/3525>>. Acesso em: 01 maio 2020.

LARSEN, Stein Ugelvik; HAGTVET, Bernt; MYKLEBUST, Jan Petter. **Who Were the Fascists**: Social Roots of European Fascism. New York: Columbia University Press, 1984.

MILANEZ, Nilton; GASPAR, Nádea Regina. (org.). **A (Des)Ordem do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Lucas. Imagem cosmética, sintaxe imagética e posições identitárias: leitura de visualidades da *G Magazine*. In: BEZERRA, B. B.; CARVALHO, D. de M. (org.). **Laços entre Comunicação e Educação**: reflexões sobre novas plataformas midiáticas e interferências estéticas. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018, p. 118-153. DOI: em: <<https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2018.815.118-153>> .

NASCIMENTO, Lucas. **Insinuações da Carne**: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar – por questões de leitura de fotografia digital da *G Magazine*. 217 f. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Campus Ilha do Fundão*, Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: <<http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/TESE-Final-BIBLIOTECA-UFRJ-L.NASCIMENTO.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2020.

NASCIMENTO, Lucas. Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de “*quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade – diz Bolsonaro*”. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, p. 1-30, 2020a. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1676/1890>>. Acesso em: 20 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1676>

NASCIMENTO, Lucas (org.). **Corpo e Discurso** – uma introdução. Campinas: Mercado de Letras, 2020b.

NOLTE, Ernst. **Der Fhascismus in seiner Epoche**. Munique: R. Piper, 1965.

NORA, Pierre. **Les Lieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAXTON, Robert. **The Anatomy of Fascism**. USA: Vintage Books, 2004.

PÊCHEUX, Michel. A forma-sujeito do discurso. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2009, p. 145-168.

PÊCHEUX, Michel. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, J.-J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009, p. 21-26.

PIOVEZANI, Carlos. **A Voz do Povo**: uma longa história de discriminações. Petrópolis: Vozes, 2020.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, 5, p. 631-660, 1980. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3173834?seq=1>> . Acesso em: 10 maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.1086/493756>

TURNER, Henry Ashby. **Reappraisals of Fascism**. New York: New Viewpoints, 1975.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a Queer Planet. **Social Text**, n. 29, p. 3-17, 1991. Disponível em: <<https://sgrattan361.qwriting.qc.cuny.edu/files/2010/09/warnerfearofaqueer.pdf>> Acesso em: 02 ago. 2020.

Recebido em: 12 de agosto de 2020

Aceito em: 27 de outubro de 2020